

REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral de Trabalhos
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redação, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.^o
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Tolhoco-Lisboa • Telefone 5339-0
Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

IMPRESSÕES DO CONGRESSO COOPERATIVISTA

O COMBATE INEVITAVEL

Prossigamos a dizer muito à boa paz o que a respeito do Congresso Cooperativista se nos oferece.

Manifestaram-se no Congresso duas correntes distintas e antagónicas: — uma conservadora e reacionária, e outra socialista e revolucionária. O choque destas correntes, que, é preciso reconhecer-se, são afinal, as duas únicas grandes forças sociais, era fatal desde que no Congresso tomavam parte católicos e livre-pensadores, monárquicos, republicanos, sindicalistas e anarquistas. Se tal choque se não desse, se todos estivessem de acordo, isso mostraria que a grande e nítida luta que travada por esse mundo fora não tinha razão de ser e que a guerra social dos nossos dias se deveria atribuir a ambigüos, equivocados ou simples caprichos dos grandes exércitos combatentes. Mas como não se trata de caprichos, ambigüos ou equivocados, mas de ideias, de interesses, de anelos, de sentimentos e de objectivos completamente diversos e opostos, não há terreno algum em que reacionários, conservadores, socialistas e revolucionários possam encontrar-se de acordo.

Os conservadores querem conservar o que está. Os reacionários querem voltar ao que foi. Os socialistas querem reformar o que está. Os revolucionários, considerando que o problema não é reformar nem regenerar, o que é irreformável e irregenerável, querem transformar o que está.

Destas diferenças de objectivos pode-se conceber que os dois primeiros se possam pôr de acordo porque, afinal, o que está não difere muito do que o que existe; pode também dar-se o caso de, num determinado terreno, os dois últimos se encontrarem de acordo, mas a um acordo entre o segundo e o primeiro destes grupos é que é impossível chegar-se.

Boas pessoas tem procurado em vão um terreno em que todas estas correntes estejam de acordo, e a Federação promotora do Congresso conta que nessa reunião dos cooperativistas as ideias políticas e as confissões religiosas se não pronunciassem.

Mas como qualquer problema social se prende com outros problemas, como qualquer questão tem sempre relações com outras de carácter científico e filosófico, as ideologias diferentes são chamadas forçosamente a manifestar-se.

O cooperativismo, sendo um problema económico, prende-se a assuntos de natureza jurídica, técnica, moral, política, etc., sobre os quais cada corrente de doutrinas — catolicismo, democratas e socialismo, — tem o seu ponto de vista.

O choque de ideias políticas e sociais havia fatalmente de dar-se, e deu-se.

O primeiro embate foi provocado pela afirmação contida na tese do sr. Polílio Artur Garcia de que a redução de horas de trabalho diminui a produção. Tal afirmação é um erro, porque não se trata só da quantidade mas da qualidade produzida, e a assembleia apega de constituição por operários não pode deixar passar sem contestação. Não o fez científicamente, apresentando o sr. Polílio Garcia o apuramento de estatísticas e os ensinamentos da fisiologia que o sr. Polílio desconhece?

E' facto. Porquê? Admitamos que também por ignorância.

Mas devemos convir que a ignorância é mais desculpável na assembleia do que num intelectual que se propõe ensinar aos outros aquilo que não sabe.

Oxalá que os ataques que o sr. Polílio Garcia sofreu o conduzam a estudar o problema da fadiga, hoje suficientemente esclarecido pelos fisiologistas. E depois, estamos certos que não repetir-se e se envergonhará até de ter dito que em 8 horas se produz muito menos que em 12 horas. No entanto para que o conviadas, prometemos auxiliá-lo com algumas estatísticas e dados científicos em próximos números de *A Batalha*.

O segundo embate provocou-o ainda o sr. Polílio Garcia defendendo a tese de que a distribuição de lucros é um estímulo para a cooperação, propondo que as cooperativas vencessem o produto por um preço pouco inferior ao preço do mercado, para depois se proceder à distribuição de uma pequena percentagem dos lucros proporcionalmente às compras!

O sr. Polílio Garcia, defendendo interesses tam burgueses, querendo estimular interesses tam mesquinhos e ambicões de mercieiro, feriu — certamente por o desconhecer — os sentimentos do operariado do seu tempo, idealista e desinteressado de ambigüos de usúarios.

O reconhecimento das cooperativas como instituições de utilidade pública para o efeito da expropriação de imóveis e outros — proposto pelo dr. Campos Lima — suscitou os protestos do alferes sr. Botelho Moniz, que representava os Sindicatos Agrícolas da região sul, o qual se arvorou em D. Magriço em defesa da sua dama — a propriedade privada. E como esta megera — desculpe o sr. Botelho Moniz se lhe ofendemos o brio cavalheiresco — é muito odiosa em toda a parte pelo incommensurável número de vítimas a quem essa megera condena à penas do inferno, enquanto faculta as delícias do céu a uma quadrilha avançada de chulos, e como se desse o caso de quantos assistiam ao Congresso pertencermos que por ela são condenados ao inferno, é claro, natural e humano que a efesa do sr. Botelho Moniz tivesse ande número de impugnadores.

1.º Que a mesma direção se entenda com

